

O SUBMARINO TAPAJÓ E SUA HISTÓRIA NA MARINHA DO BRASIL



Segundo-Tenente Ramon Costa Seabra

1. INTRODUÇÃO

Os submarinos são uma das mais importantes ferramentas de defesa utilizadas por diversas nações em todo o mundo. Sua discrição e seu potencial destrutivo são fatores de grande relevância no caráter dissuasório. O Brasil é um dos países que dispõem desses meios em sua Marinha e, atualmente, está no processo de substituição pelos novos da classe “Riachuelo”. Com a baixa do Timbira (S32), em fevereiro deste ano, e a futura incorporação do Humaitá (S41), o submarino Tapajó também se aproxima do fim de seus serviços à Armada. Neste artigo, apresentaremos uma visão geral sobre este submarino, desde sua construção até sua retirada de serviço, além de um breve histórico da Força de Submarinos.

2. A CRIAÇÃO DE SUBMARINOS NO BRASIL

O Brasil tem uma longa história na operação de submarinos. As três primeiras unidades da Marinha do Brasil foram adquiridas há mais de cem anos e eram denominadas de classe “F” (Foca), sendo adquiridas da Itália. Em 17 de julho de 1914, foi criada a Flotilha de Submersíveis, que posteriormente, em 1928, veio a ser chamada de Flotilha de Submarinos e, finalmente, recebeu a denominação atual de Força de Submarinos em 1963 (MARINHA DO BRASIL, 2018).

Foi na década de 1980, que a Marinha do Brasil iniciou um programa de construção de submarinos próprios. Com a parceria da empresa alemã Howaldtswerke-Deutsche

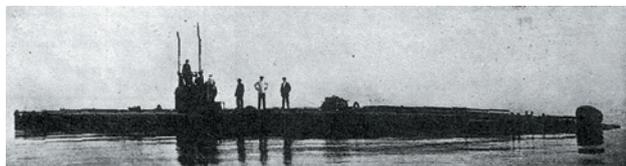


Figura 1: Fonte: Poder Naval, s.d. Disponível em: <https://www.naval.com.br/ngb/F/F001/F001-f01.jpg>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Werft GmbH (HDW), foram construídos os submarinos da classe “Tupi”. O primeiro submarino, que dá nome à classe, foi fabricado na Alemanha, enquanto os outros três, incluindo o Tapajó, foram fabricados no Brasil. Em uma disputa com a Austrália sobre quem teria o título de construir o primeiro submarino no hemisfério Sul, os brasileiros saem vencedores com a mostra de armamento do Submarino Tamoio em 1994 e posterior incorporação em 1995 (MARINHA DO BRASIL, s.d.), enquanto os australianos só incorporaram o HMAS Collins em 1996 (ROYAL AUSTRALIAN NAVY, s.d.).

3. APRESENTAÇÃO DO SUBMARINO TAPAJÓ

O submarino Tapajó é o “irmão mais novo” dos quatro submarinos da classe “Tupi”. Teve seu Batimento de Quilha em agosto de 1992, foi lançado ao mar em 5 de junho de 1998 e a Mostra de Armamento ocorreu em 21 de dezembro de 1999. É o terceiro da classe a ser construído no Brasil, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, e teve como madrinha a Senhora Anna Maria Ferreira Maciel, esposa do Vice-Presidente Dr. Marcos Maciel (MARINHA DO BRASIL, s.d.).

Seu nome é uma homenagem ao guerreiro, à tribo e ao rio Tapajós, sendo o primeiro submarino da Marinha a ostentar este nome. Sua mascote é o peixe Marlim, um animal muito valorizado na pesca esportiva, conhecido por suas habilidades de luta e sua beleza, brigador até o fim. A mascote representa as características de coragem, força e agilidade que são necessárias para a tripulação durante as operações submersas.

Ele é dividido em cinco compartimentos, de proa a popa: Torpedos, Baterias, Comando, Manobra e Máquina. O primeiro, como o próprio nome sugere, é onde se encontram os tubos de torpedos, inicialmente desenvolvidos para utilizar o MK24 *Tigerfish*, mas posteriormente passaram a operar com MK48. Em seguida, temos as áreas destinadas aos alojamentos, camarotes, cozinha e Praça D’Armas. Sob

elas se encontram dois dos quatro grupos de baterias. À meia nau, encontra-se o compartimento de comando, que se pode dizer que é o cérebro do submarino, de onde emanam as ordens e onde estão grande parte dos sensores. Logo após, temos as “pernas” do submarino, a Manobra, onde é possível controlar a velocidade, rumo e cota (profundidade) do meio. Por último, na Máquina encontramos tanto os motores e geradores para propulsão, como diversas bombas.

4. HISTÓRICO DE OPERAÇÕES

O submarino Tapajó participou de diversas operações da Marinha do Brasil ao longo de sua vida útil. Foi de suma importância como um baluarte no patrulhamento e defesa da costa brasileira, na qualificação de cursos relativos à Força de Submarinos, adestramentos com meios navais e aeronavais, bem como na participação de exercícios militares com outras nações.

Tem carimbado em seu histórico um total de 1.488,5 dias de mar, 24.279 horas de imersão e 120.390,1 milhas náuticas navegadas. Essa marca é fruto das inúmeras operações das quais participou, dentre elas: ADEREX, UNITAS, FRATERNO, TROPICALEX, ASPIRANTEX, ESQUADREX, VENBRAS, SUBMEX, TORPEDEX, TEMPEREX, DEPLOYMENT, e apoio ao Curso de

Aperfeiçoamento em Submarinos para Oficiais (CASO), Estágio de Qualificação para Futuros Comandantes de Submarinos (EQFCOS) e Curso de Aperfeiçoamento de Mergulhador de Combate para Oficiais (CAMECO).

No dia 20 de maio de 2000, visita seu primeiro porto fora do Rio de Janeiro, Salvador (BA), durante a comissão de Apoio ao EQFCOS. Neste mesmo ano, participa da UNITAS XLI e da FRATERNO XX, guinando rumo às águas internacionais e atracando em Mar del Plata – Argentina –, seu primeiro porto estrangeiro.

O navio participou de várias operações e exercícios da Marinha do Brasil nos anos subsequentes, de 2001 a 2003, incluindo a TROPICALEX, TORPEDEX, MINEX/ESPECIEX, UNITAS e ASPIRANTEX. Também apoiou o Curso Expedito de Tática Antissubmarina para Oficiais, o CAMECO, e realizou exercícios de minagem e perifoto.

Chegando ao ano de 2004, foi realizada a operação SARSUB, planejada pelo Comando da Força de Submarinos para treinar o resgate de membros da tripulação em um submarino sinistrado, utilizando o Sino de Resgate Submarino (SRS). Durante o período, o Tapajó trabalhou em conjunto com o ex-Navio de Socorro Submarino Felinto Perry e o Aviso de Apoio Costeiro Almirante Hess, além de contar com o apoio de mergulhadores. A retirada de um



Figura 2: Fonte: Poder Naval, 2010. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/02/Tapajo-1.jpg>. Acesso em: 16 mar. 2023.

tripulante pelo SRS foi um feito inédito na Marinha do Brasil e demonstrou a capacidade da Força de Submarinos em operações de resgate.

De 2005 a 2007, marcou presença na ADEREX, ESQUADREX, UNITAS, FRATERNOS e TROPICALEX até que chega ao fim o seu primeiro ciclo operativo, iniciando seu PMG (Período de manutenção geral).

Agosto de 2007 marca o início de sua manutenção, sendo retirado da água e reparado no próprio Galpão de Construção de Submarinos no AMRJ, num processo conhecido como *load-in*. Após quase dois anos e cinco meses, em janeiro de 2010, o submarino encerra o seu primeiro período de manutenção geral e faz o *load-out*, que consistiu em pôr o navio sobre duas carretas que foram deslocadas até uma balsa, que mantinha o alinhamento ao cais através de manobras de água com tanques de lastro. Após, o conjunto foi levado até o Dique Almirante Régis, onde a balsa foi submersa, possibilitando a desdocagem do Tapajó com segurança e sua atracação no AMRJ (NAVIOS, 2014). Neste período foi feita a modernização do Sistema de Combate para o AN/BYG-501 mod. 1D, possibilitando o uso de torpedos MK-48 mod.6AT. Essa sistemática do *load-in/load-out* permitiu um aumento da eficácia e produtividade do PMG.

Em outubro de 2011 foi o primeiro lançamento de um MK-48 utilizando o novo Sistema de Combate, evento este que teve seu prólogo ainda em 2007 quando a Marinha decidiu por adotar o novo torpedo e conseqüentemente um sistema mais moderno para o lançamento. O exercício fazia parte dos testes de validação do AN/BYG e foi um sucesso.

No início de 2013, o Tapajó suspendeu rumo à América do Norte para a Deployment, iniciando a comissão mais longa realizada por um submarino brasileiro até



Figura 3: Fonte: Defesa Aérea & Naval, 2013. Disponível em: <https://cdndefesaaereanaval.nuneshost.com/wp-content/uploads/2013/09/subs-11.jpg>. Acesso em: 16 mar. 2023.

então. Durante a comissão participou de exercícios com diversos meios da Marinha Americana e, dentre esses, um que marcou a história desta belonave e da Marinha do Brasil ocorreu no dia 5 de maio. O submarino suspendeu de Porto Canaveral (EUA) rumo às Bahamas e, ao chegar na raia de Atlantic Undersea Test and Evaluation Center (AUTEK), lançou com sucesso dois torpedos em águas internacionais pela primeira vez. Encerrada a comissão, o Marlim retornou triunfante ao Rio de Janeiro, em 18 de Setembro, sendo escoltado pelos submarinos Timbira e Tikuna, na sua chegada.

Seguindo para o ano de 2014, participou de mais uma ADEREX e atracou pela primeira vez em Itaguaí, participando da inauguração do Prédio Principal de Construção do Estaleiro e Base Naval (EBN). De 2015 a 2016 participou de duas ASPIRANTEX e uma UNITAS, estava presente na formação dos diversos cursos e estágios necessários à carreira do oficial submarinista, além de apoiar o Projeto de Comunicações Submarinas CSUB-SecCTM (Modem acústico IEAPM).

5. FIM DAS ATIVIDADES

Devido a problemas ocorridos em 2016, o submarino precisou parar sua operação, o que acarretou o início de seu processo de baixa em 2019. O processo foi interrompido para analisar a possibilidade de realização de um novo PMG, a fim de retorná-lo às atividades; são realizadas docagens em 2020 e 2021, porém decidiu-se prosseguir com a desativação.

Mesmo sem operar, o submarino Tapajó continuava com um importante papel na Força de Submarinos, contribuindo para a formação dos novos submarinistas, além de ser o palco de visita para diversas autoridades estrangeiras como o presidente da SOAMAR Portugal, a comitiva da Armada da Argentina, membros da Marinha da Colômbia e o Comandante da Marinha do Peru. Apesar do preparo para a baixa, há o esforço de sua tripulação em manter o adiestramento e qualificação e embarcar em outros meios, mantendo a motivação com a escolha de ser submarinista.

CONCLUSÃO

O submarino Tapajó teve um papel fundamental na história da Marinha do Brasil e da Força de Submari-

nos. Sua trajetória de mais de duas décadas de serviço é marcada por operações e missões de grande importância para a defesa do país e para o aprimoramento da capacidade operativa da Marinha. Além disso, desempenhou um papel fundamental na formação e treinamento de submarinistas brasileiros, ajudando a desenvolver a expertise necessária para operar submarinos de maneira eficiente e segura.

O êxito alcançado em suas missões retrata o profissionalismo de sua tripulação e o comprometimento em cumprir todas as tarefas que lhe são atribuídas. O empenho demonstrado pelos tripulantes, mesmo após a decisão de baixa, representa bem a escolha do peixe Marlim como a mascote do navio, o peixe que não desiste nunca.

Ainda que sua retirada de serviço se aproxime, seu legado permanecerá, assim como sua história será lembrada pelos submarinistas e pelos brasileiros que reconhecem a importância desse meio de defesa para a soberania do país. A incorporação dos novos submarinos da classe “Riachuelo” representa um importante avanço na capacidade operativa da Marinha do Brasil e mostra

o compromisso do país com a defesa de seu território e de seus interesses.

REFERÊNCIAS

MARINHA DO BRASIL, 2018. **104 Anos da Força de Submarinos**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/content/104-anos-da-forca-de-submarinos>. Acesso em: 1 mar. 2023.

MARINHA DO BRASIL, s.d. **Submarinos Classe Tupi**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/meios-navais/submarinos-classe-tupi>. Acesso em: 28 fev. 2023.

NAVIOS de guerra brasileiros – S Tapajó-S 33, 2014. disponível em: <https://www.naval.com.br/ngb/T/T010/T010.htm>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ROYAL AUSTRALIAN NAVY, s.d. **HMAS Collins**. Disponível em: <https://www.navy.gov.au/hmas-collins>. Acesso em: 15 mar. 2023.